

## CONSIDERAÇÕES GERAIS ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA SOCIAL, IDEOLOGIA E ALIENAÇÃO

---

### CONSIDERACIONES GENERALES ACERCA DE LA RELACIÓN ENTRE MEMORIA SOCIAL, IDEOLOGÍA Y ALIENACIÓN

**Alexandre de Jesus Santos**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
alexandre\_magno2@hotmail.com

**José Rubens Mascarenhas de Almeida**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
joserubensmascarenhas@yahoo.com.br

#### **Resumo**

O objetivo do presente artigo é ensaiar acerca das relações estabelecidas entre as categorias memória, ideologia e alienação. Apresentamos aqui as primeiras aproximações teóricas entre tais categoriais para demonstrar como elas estão intercaladas às condições materiais de reprodução social de cada uma das classes que protagonizam o controle do metabolismo social, bem como sua importância para manter e perenizar as relações sociais estabelecidas. Aponta-se, por fim, para a necessidade de reprodução de uma memória social autêntica por parte das classes trabalhadoras como uma condição imprescindível para superar a alienação no campo da memória social, mas, sobretudo, para atingir um nível mais complexo e coeso transitando da classe em si para a classe para si.

**Palavras-chave:** memória; ideologia; alienação; luta de classes.

### Resumen

El objetivo del presente artículo é ensayar acerca de las relaciones establecidas entre las categorías memoria, ideología y alienación. Presentamos aquí las primeras aproximaciones teóricas entre dicha orden categórica para demostrar la forma en que se intercalan a las condiciones materiales de reproducción social de cada una de las clases que protagonizan el control del metabolismo social, así como su importancia en la manutención y perpetuación de las relaciones sociales establecidas. Señalase, por último, la necesidad de reproducción de una memoria social auténtica de parte de la clase obrera como un requisito indispensable para la superación de la alienación en el campo de la memoria social, pero sobre todo para alcanzar un nivel más complejo y coherente transitando de la clase en si para la clase para si.

**Palabras clave:** memoria; ideología; alienación; lucha de clases.

*A consciência revolucionária não pode se prosternar diante das representações usuais do passado. A crítica revolucionária do que está acontecendo implica a crítica revolucionária do que aconteceu (KONDER, 1999, p. 14).*

### 1. Introdução

Pensar a imbricada relação entre memória, ideologia e alienação, ainda que apenas seus elementos e mediações mais gerais, não é uma tarefa das mais fáceis. A abordagem que segue objetiva enveredar-se pelas tramas do materialismo histórico, arrastando consigo a memória social enquanto categoria analítica que, no campo das ciências humanas, foi mais amplamente trabalhada pela *Escola dos Annales* (Nora e Le Goff). O debate em torno da memória também sofreu forte influência da sociologia funcionalista francesa, com Durkheim – pela contribuição de Halbwachs –, do pensamento filosófico idealista, com Bergson, e da fenomenologia, com Paul Ricoeur.

A vinculação da categoria memória (social e/ou individual) a estas correntes teóricas (funcionalismo, culturalismo, idealismo e fenomenologia) criou, de certa maneira, uma resistência por parte dos autores marxistas em tratar a problemática da memória social com

maior acuidade. Por esse motivo, o debate em torno desta categoria acabou relegado/ignorado pelas escolas marxistas como algo de “menor importância”, cujo esforço depreendido seria demasiadamente alto para uma contribuição social pouco relevante.

No entanto, a memória (função psíquica), enquanto objeto de estudo específico da psicologia (e sua relação com o desenvolvimento das funções psíquicas superiores), se considerarmos a perspectiva filogenética, resultante dos processos de interação entre a objetividade e a subjetividade, pela mediação/construção do conhecimento/signo foi estudada com muita atenção por autores marxistas como Vygotsky, Luria e Leontiev. A abordagem proposta por esses autores, no entanto, focaliza a dimensão biológica da memória, não se atendo à sua dimensão social.

Entretanto, a memória social – considerada uma construção histórica resultante do processo de correlação de forças entre as classes sociais – ganha importância particular nos dias que seguem, constituindo objeto de disputa, sendo instrumentalizada pelas lutas protagonizadas pelas classes sociais. Deste modo, a objetividade histórica insere na “ordem do dia” a necessidade de reflexões cuidadosas sobre a problemática a partir das premissas marxianas. Por outro lado, categorias como ideologia e alienação, em detrimento de suas implicações objetivas para a cotidianidade das classes sociais, foram tratadas com maior profundidade, resultando numa multiplicidade de entendimentos, muitos dos quais contraditórios entre si, o que nos levou a fazer escolhas bem restritas ao trabalhar com tais categoriais.

Portanto, levando-se em conta todo acúmulo histórico do conhecimento produzido no campo da memória social, divergentes e até opostos às premissas do materialismo histórico, mobilizar essa categoria com fito a ensaiar sua relação com a ideologia e a alienação é certamente um caminho ermo, mas sobre o qual nos debruçamos agora a fim de propor uma abordagem materialista do tema.

## **2. Ideologia, memória e alienação**

Discutir a problemática da ideologia perpassa, necessariamente, pelas formulações de Marx e Engels (2007), mas também por proposições posteriores que buscam pensar as manifestações e as reproduções ideológicas na sociedade atual. Isso nos coloca diante do imperativo de trilhar um caminho que julgamos mais adequado e que, ao mesmo tempo, permita esclarecer e definir com precisão a categoria da ideologia. No entanto, longe de

apresentar uma compreensão restrita que reduz a ideologia à noção de falsa consciência, ancoramos nossa formulação no entendimento de Marx (2008) e Mészáros (2004; 2011).

Adotamos a concepção segundo a qual a ideologia é sempre consciência real, relacionando-se à percepção que os homens possuem do mundo, construída a partir do conflito social fundamental entre o capital e o trabalho. A ideologia é, portanto, a “consciência social prática” (MÉSZÁROS, 2004, p. 67) real dos indivíduos sobre o mundo existente. Sua qualidade de ser verdadeira ou falsa, deste modo, está relacionada ao nível de proximidade entre a formulação sobre o mundo e a objetividade em si, sendo um momento subordinado que só pode ser definido em relação dialética com o processo histórico (MÉSZÁROS, 2011).

É consenso entre a maioria dos autores marxistas que a ideologia está amplamente ancorada na base material da sociedade. Isso implica dizer que a produção e reprodução da ideologia depende da maneira como os homens se organizam socialmente para produzir sua vida material. Assim, cada tipo de organização social pressupõe tipos específicos de consciência do mundo, podendo alterar tanto a forma quanto o conteúdo a depender das mudanças materiais na sociedade (MARX, 2008). Marx afirma que a ideologia é a forma pela qual os indivíduos tomam consciência da realidade e resolvem os conflitos pela mediação da luta. Nesse sentido, na sociedade moderna, a luta é protagonizada pela burguesia e pelo proletariado que, pelo antagonismo de seus interesses, buscam controlar o metabolismo social e imprimir sua visão de mundo como se universal fosse. De tal modo, nas sociedades de classes, os indivíduos tomam consciência da realidade pela mediação das ideologias erguidas com base na contradição fundamental entre o capital e o trabalho. Por mais que os homens gozem de autonomia, ela será sempre relativa, podendo realizar determinadas escolhas. Nessa perspectiva, as condições materiais sob as quais irão atuar, produzir e se reproduzir não são as de sua preferência<sup>1</sup>. As ideologias, por conseguinte, já estão dadas e diretamente vinculadas às classes sociais, sofrendo, continuamente, as contradições do ambiente social no qual emergem.

Importa ressaltar aqui, com base na leitura de Marx (2008), bem como na contribuição oferecida por Mészáros (2004; 2011), que a ideologia é, necessariamente, um elemento das sociedades de classes, de tal modo que cada classe projeta sua própria visão de mundo com base em sua reprodução material. Desta forma, ideologia e consciência, só formam um hiato nas sociedades de classes, mas não necessariamente coexistem em determinação ontológica.

Entretanto, um aspecto importante precisa ser esclarecido. Apesar de a ideologia ser uma perspectiva que as classes sociais produzem sobre sua objetividade, isso não implica dizer que elas são equivalentes (formal, teórica e praticamente) no que concerne à captação do mundo. Esse aspecto possui relação direta com a problemática da memória na medida em que determinadas ideologias imprimem sobre a objetividade um ponto de vista que não condiz com o que a objetividade é em seu ser processual.

Na sociedade moderna, burguesia e proletariado elaboram ideologias que possuem objetivos distintos. Enquanto a primeira procura naturalizar as relações sociais e perpetuar seu domínio por intermédio da apropriação privada da produção coletiva; a segunda, por sua vez, produz uma ótica de mundo em que a luta pelo controle do metabolismo social é uma questão ontológica. Por esta visão, se a produção é realizada coletivamente, também assim deve ser coletivamente apropriada. Sob estas perspectivas, o antagonismo de classe gera projetos de mundo distintos e mutuamente excludentes.

É precisamente aqui que encontramos uma possibilidade de pensar a memória social. Marx e Engels (2007) afirmam que, para que uma determinada classe projete sua perspectiva ideológica para a sociedade, faz-se necessário apresentar os interesses particulares como gerais. Por seu lado, expor tais interesses como gerais implica também a apropriação dos meios materiais e espirituais de produção social. As implicações dessa formulação desagua na hipótese de que parte da memória legitimada pela sociedade – responsável pela reprodução da memória social e que a reflete como uma verdade incontestável – é, a rigor, uma produção ideológica da classe dominante.

Por julgarmos as formulações de Halbwachs sobre a memória, a teoria que mais se aproxima de nossa proposição, para que possamos desenvolver a hipótese supramencionada e a articulada relação existente entre memória e ideologia de forma mais substancial, recorreremos aqui a elas. Com base nas inferências de Halbwachs (2006), tanto a memória coletiva quanto a individual se inserem no âmbito da memória social. No estilo durkheimiano, Halbwachs projeta a sobreposição da memória coletiva sobre a individual, sendo a existência da primeira condição *sine qua non* para efetivação da segunda. Assim, portanto, se para Durkheim a sociedade é anterior ao indivíduo, para Halbwachs a memória coletiva precede a individual.

A reconstrução da memória individual tem sempre como referencial o grupo, a coletividade. As memórias que são formadas a partir das vivências concretas dos grupos,

portanto, são reconstruídas por uma afecção do presente que pode afetar tanto o indivíduo quanto o grupo. Assim, enquanto a memória evocada é do presente por referir-se a algo que permanece vivo (objetiva ou subjetivamente) a história é, necessariamente, do passado. Segundo Halbwachs, a história começa quando a memória termina, e esta só termina quando os membros do grupo deixam de existir enquanto tal. Cabe salientar que as contribuições de Halbwachs quanto à memória social não levam em consideração a temática da ideologia e, portanto, das contradições sociais. Essa limitação o levou a compreender a memória como consequência de uma formação social pura<sup>ii</sup> resultante, unicamente, da vivência material dos grupos em uma relação na qual o todo determina a parte e, cada parte, por sua vez, desempenha sua função no sistema.

Para Halbwachs, enquanto a memória social resulta de relações sociais harmônicas duplamente subordinadas (primeiro pela sobreposição do todo sobre a parte e, depois, pelo quadro social da memória, inviabilizando compreender as lutas sociais inseridas nessas estruturas funcionais e simétricas). Com esta leitura, queremos afirmar que a concepção de memória de Halbwachs não comporta a discussão sobre as contradições sociais, justamente por ser marcada pelo funcionalismo e pautada no pressuposto da simetria. Na nossa concepção, existe um vínculo direto entre memória social, lutas de classes e ideologias. Desta forma, a memória, enquanto construção social, resulta de relações determinadas que protagonizam o controle do metabolismo social estando, portanto, permeada por ideologias. Por conseguinte, a formação da memória social no interior de uma família tipicamente burguesa está relacionada à compreensão que essa família, inserida em um contexto mais amplo, possui do mundo. Em uma relação de determinação e autonomia, essa memória social se forma sob o elo estruturante da sociedade de classe que é a contradição entre o capital e o trabalho. Burgueses e proletários tendem, portanto, a produzir memórias sociais proporcionais ao papel desempenhado no processo produtivo<sup>iii</sup> por cada segmento. Obviamente, isso não implica dizer que existem, no interior da sociedade burguesa apenas duas memórias intrinsecamente relacionadas com as classes em disputa pelo controle do metabolismo social, mas que todos os grupos que formam suas memórias no interior das classes sociais tendem a produzir uma visão de mundo relacionada à sua objetividade e ao projeto político que ambas as classes possuem para a sociedade. Dentro das classes trabalhadoras existe uma infinidade de grupos de memórias que se formam sob o imperativo da venda da força de trabalho, da precariedade nas relações de produção, da segregação, da miséria, da violência social etc. Este

elemento objetivo – a venda da força de trabalho – é o que fornece unidade estrutural à memória social das classes trabalhadoras. Nessa perspectiva, apesar das idiossincrasias que compõem os grupos sociais no interior das classes, existem, seguramente, mais de um elemento ativo na formação da memória social, que também condiciona a tomada de consciência dos conflitos sociais em curso, uma vez que essas memórias se formam a partir da correlação de forças entre as classes sociais.

Retomando a problemática da ideologia, vale lembrar que, para que uma classe se torne dominante, ela precisa estabelecer sua visão particular de mundo como sendo a geral, que contemple toda a sociedade e se mostre acima dos interesses das classes. Assim sendo, a naturalização das relações sociais dadas, amplamente propaladas pela ideologia burguesa, presente tanto nos métodos científicos quanto nas formulações filosóficas, resultado das determinações estruturais exercidas sobre os indivíduos que as reproduzem (personificações do capital), pela mediação dos meios de produção material e espiritual, generalizam tais concepções e fazem crer, por meios de diversos artifícios, que esse mundo existente é o único possível.

Isso implica dizer que a propagação da ideologia dominante por meios dos diversos aparelhos de Estado<sup>iv</sup> *também* contribui para a formação da memória social dos grupos/classes. Em alguma medida, isso explica porque, no interior das classes trabalhadoras, podemos encontrar memórias que não condizem com sua condição de classe, expressando, desse modo, a memória social a partir da perspectiva ideológica burguesa.

Esse fato é verificável quando recorremos à perspectiva da memória nacional. Se pensarmos, por exemplo, a formação da memória nacional brasileira, torna-se perceptível que muitas concepções vastamente difundidas são constituídas pelo processo que chamamos *ideologização da memória*; considerar, por exemplo, as relações raciais como uma democracia racial (FREYRE, 2004) negando, portanto, a existência do racismo, ou mesmo projetar no homem brasileiro a cordialidade como um traço constituinte de sua personalidade, como faz Holanda (1995), são formulações claramente ideológicas que permeiam toda memória social das classes trabalhadoras-no Brasil<sup>v</sup>. Ambas as formulações estão presentes na memória social dos trabalhadores brasileiros e são amplamente reproduzidas na cotidianidade. Compete ressaltar, ainda, que essas memórias não resultam de vivências empíricas ou mesmo de uma percepção ontológica da realidade, mas, antes, da assimilação da ideologia dominante. Não foram, portanto, as classes trabalhadoras que as formularam, mas, inegavelmente, elas a

reproduzem como algo verossímil. É possível perceber também, dentro desta perspectiva de *ideologização da memória* que, com igual naturalidade, são reproduzidas as ideias de necessidade da miséria, dentre outras da mesma estirpe.

Poderíamos aqui, sem muitas dificuldades, fornecer inumeráveis exemplos desse processo de *ideologização da memória*, mostrando, com isto, que a memória social está impregnada de ideologia e que as classes trabalhadoras reproduzem memórias e ideologias por elas não produzidas. Assim, a memória e a ideologia estão amplamente relacionadas à alienação. Esta, da forma como foi pensada por Marx<sup>vi</sup> (2010; 2013) se manifesta no fato de os trabalhadores produzirem coletivamente os elementos necessários à sua reprodução social e essa produção ser-lhes retirada pela classe dominante (através do trabalho alienado). Grosso modo, a alienação é a retirada do produto do trabalho do trabalhador, em cujo corpo possui a materialização da identidade deste último objetivado no produto do seu trabalho.

Com o advento da sociedade capitalista, o trabalhador deixa de reconhecer a legitimidade do produto do seu trabalho, passando a ver o corpo da mercadoria como algo totalmente estranho e alheio a si (trabalho estranhado). Embora seja ele o responsável pela sua produção, não se reconhece no produto que, alienado, tornou-se mercadoria. Isso porque, na sociedade capitalista, a produção está voltada para a realização primária do valor de troca.

Assim, tomando como base o conceito de alienação em Marx, que consiste na retirada/expropriação de seu produto, algo tornado estranho a si, e propondo uma aproximação teórica entre ela (a alienação) e a problemática da memória social e da ideologia, temos que as classes trabalhadoras assumem para si memórias sociais que não lhes pertencem, uma vez que não foram elas as responsáveis pela sua produção. Isto leva a que, ao mesmo tempo em que negam sua própria objetividade a partir da introjeção de uma memória social ideologizada, essas classes trabalhadoras são ideologicamente alienadas.

Assim, a memória assimilada pelas classes trabalhadoras, reproduzida pelos aparelhos das classes dominantes impõe um processo brutal de alienação por intermédio do qual, tanto econômica quanto ideologicamente, a reprodução da sociedade burguesa se torna possível. No interior das classes trabalhadoras, a reprodução ideológica (forma de ver e compreender o mundo) necessariamente conforma a memória social dominante, que acaba por legitimar a sociedade burguesa. Isso porque a memória social e a ideologia dominante imprimem o ser-precisamente-assim da classe burguesa. Obviamente esse processo não se efetiva sem contradições, já que, entre a produção das memórias sociais e das ideologias dominantes e sua

reprodução, as próprias contradições sociais objetivas, que se manifestam na cotidianidade, constituem empecilhos à reprodução irrestrita de memórias sociais e ideologias se constituem.

À medida que a forma de ver o mundo, engendrada pela burguesia, pressupõe a perenidade das relações, esse entendimento passa a constituir o que Mészáros (2011, p. 146) chama de “*anacronismo histórico objetivamente prevalecente* da ordem social em si, cujos valores insustentáveis continuam a afirmar na conjuntura crítica da fase descendente do desenvolvimento do seu sistema”, no qual a sociabilidade burguesa se mostra objetivamente insustentável em detrimento das inúmeras irracionalidades que comporta – mas, sobretudo, pela produção em larga escala de mercadorias que, de um lado intensifica a miséria e a exploração e, de outro, destrói aceleradamente os recursos naturais que constituem condição *sine qua non* para a reprodução social do homem –, comprometendo, irremediavelmente, a existência do próprio gênero humano. Essa forma de ver o mundo constitui, portanto, falsa consciência da realidade, e sua assimilação por parte das classes trabalhadoras consome a alienação ideológica pela reprodução da memória social da classe dominante.

### **Considerações finais**

A tarefa que tentamos realizar neste ensaio – nada fácil, diga-se de passagem – foi estabelecer relações de determinações e complementariedades entre a ideologia, a memória e a alienação na sociedade capitalista. Deste modo, o que tentamos demonstrar foi que a ideologia, enquanto expressão ideal da consciência das classes pode ser falsa ou verdadeira a depender do seu nível de proximidade com a essência do objeto, mas, independentemente disto ela é sempre consciência real. Essa forma de compreender e se orientar no mundo decorre das relações materiais que cada classe estabelece, de modo que as vivências no interior de cada uma delas exterioriza memórias relativamente determinadas. Por seu lado, a generalização dessas memórias que, por serem geradas com base nas relações materiais das classes, expressam inegavelmente ideologias contraditórias propaladas pelos aparelhos ideológicos disponíveis nas mãos da classe burguesa. Deste modo, quando a classe trabalhadora assimila esta ideologia e reproduz memórias sociais que lhe são alheias, na mesma medida em que repelem aquelas geradas pela sua própria objetividade histórica, são também alienadas ideologicamente, assumindo ideologia e memória social que não lhes pertencem.

Obviamente, um processo dessa natureza não ocorre harmonicamente. Deste modo, também as classes trabalhadoras, através dos meios que encontra, tentam imprimir seu projeto histórico para a sociedade. Essas duas proposições que intercalam o controle de metabolismo social, estão em constante e intensa contradição. Assim, a luta protagonizada em torno da memória social enquanto expressão destas contradições vigentes se insere, indubitável e definitivamente, no campo das lutas de classes, pois que do reconhecimento de si na memória social produzida pelas determinações objetivas das classes trabalhadoras depende, em parte, a própria desalienação ideológica e a constituição da classe para si.

### Referencias

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 49. ed. São Paulo: Global, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KONDER, Leandro. **Walter Benjamin**: o marxismo da melancolia. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

LOUIS, Althusser. “Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado: notas para uma investigação.” Em: **Um mapa da ideologia**. ADORNO, Theodor W. [et. al], tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 105-143.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da novíssima filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão e seus diferentes profetas, 1845-1846. Organização, tradução, prefácio e notas de Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2ª. Tradução: Florestan Fernandes. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

\_\_\_\_\_. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. Tradução: apresentação e notas Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

\_\_\_\_\_. **O capital**: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. Tradução: Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Estrutura social e formas de consciência**, Volume II: a dialética da estrutura e da história. Tradução Rogério Bettoni; revisão técnica: Caio Antunes. São Paulo: Boitempo, 2011.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

## Notas

<sup>i</sup> O protagonismo histórico do homem tanto foi tratado por Marx e Engels n'A Ideologia Alemã, quanto por Marx n'O 18 de Brumário de Luís Bonaparte (2011).

<sup>ii</sup> O que aqui não possui o sentido de "intuição pura", de Bergson, mas, o de não portadora de contradições sociais.

<sup>iii</sup> O mesmo princípio não se aplica, por exemplo, à reprodução da memória social, uma vez que esta também está condicionada pela alienação ideológica.

<sup>iv</sup> Para um debate sobre os aparelhos de Estado, por meio dos quais a burguesia imprime sua dominação ideológica, ver Althusser (1996).

<sup>v</sup> Para um debate mais profundo sobre esse processo consultar Ortiz (2012).

<sup>vi</sup> Marx teceu considerações sobre a problemática da alienação tanto nos Manuscritos econômico-filosóficos, quanto n'O Capital.

## Sobre os autores

**Alexandre de Jesus Santos** é mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e pesquisador do Grupo de Estudos de Ideologia e Lutas de Classes – GEILC/MP/UESB.

**José Rubens Mascarenhas de Almeida** é doutor em Ciências Sociais pela PUCSP, docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, pesquisador do Museu Pedagógico/UESB e do Núcleo de Estudos de Ideologia e Lutas Sociais – PUCSP. Coordena o Grupo de Estudos de Ideologia e Lutas de Classes (GEILC/MP/UESB). Bolsista CAPES Bex 6825-14-1.

